

PF desvenda rede de corrupção no órgão

■ Esquema que une policiais, advogados e criminosos facilitou várias fugas e começa a ser descoberto pela superintendência

MARCELO MOREIRA

Os nomes da *banda podre* da Polícia Federal no Rio começam a ser revelados. Uma investigação que apura a facilitação da fuga de dois traficantes estrangeiros no final de agosto da carceragem da superintendência regional da PF desvendou quem controlava uma grande rede de corrupção envolvendo agentes federais e advogados. O esquema, descoberto a partir do depoimento de presos da própria carceragem, impressionou o superintendente Jairo Kullman. "Não acredito em tudo, mas não desacredito em nada", disse o delegado.

O servidor administrativo Valdenir Marques Noronha até agora é o nome mais citado como responsável pelo esquema de corrupção na carceragem. A ele cabia negociar o pagamento de propinas entre os presos para obterem regalias que iam desde a utilização de telefones celulares a fugas como a do nigeriano Christopher Isinamem e do Inglês Albert Hines, que teriam custado R\$ 70 mil. Fora da carceragem o esquema era ainda mais rentável. Poli-

ciais da Delegacia de Repressão a Entorpecentes, Fazendária e Marítima tinham uma lista com os nomes de advogados que eram acionados sempre que ocorria uma prisão. Os advogados intermediavam *acertos* para liberar os presos ou assisti-los caso não houvesse acordo.

Hoje, os 98 presos da carceragem da PF formam um *feudo* dominado por seis advogados, cujos nomes estão mantidos em sigilo, que são chamados pelos agentes sob o compromisso de dividir honorários. A maioria dos presos é estrangeira e não tem advogados no Brasil. Um dos agentes da carceragem, segundo um dos presos, é casado com uma advogada conhecida como *Mimi* que tem vários clientes na carceragem.

Chaves — Valdenir Marques Noronha foi indiciado no inquérito policial aberto pela PF junto com o agente Carlos Machado Gonçalves. Eles foram denunciados na fuga dos estrangeiros, mas a PF apura também o envolvimento de um dos presos, o motorista Rogério de Oliveira Eliziário, ex-detento de confiança que

tinha acesso às chaves das celas. O chefe do setor de custódia, conhecido como Fialho, era quem recebia a propina indicada por Noronha.

O envolvimento de policiais com criminosos atrapalhou uma operação que a Polícia Federal pretendia montar para combater o tráfico de drogas no Rio. Os delegados Onézimo Sousa e Paulo Lacerda foram chamados de Brasília especialmente para chefiar a operação. Eles decidiram excluir a superintendência do Rio da operação porque descobriram que agentes negociavam ilegalmente a venda de armas dentro da sede da PF na Praça Mauá.

O inquérito que apura a fuga dos estrangeiros e aponta os policiais corruptos foi encaminhado pela Polícia Federal à Procuradoria da República no Rio. O processo está com o procurador Rogério Navarro que decidirá se oferece ou não denúncia contra os policiais acusados de corrupção. A assessoria de comunicação da Polícia Federal informa que os policiais envolvidos responderão a processos disciplinares que podem culminar em demissão.